

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO DOS DEMONSTRATIVOS EM ESPANHOL E EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE NORMATIVA

TREATMENT OF VARIATION IN SPANISH AND PORTUGUESE DEMONSTRATIVES: A NORMATIVE ANALYSIS

Leandro Silveira de Araujo¹
Graziela Bassi Pinheiro²

RESUMO: Este estudo compara os usos dos demonstrativos conforme descritos por gramáticas de língua portuguesa (*este, esse, aquele*) e de língua espanhola (*este, ese, aquel*), para identificar o tratamento variacionista no uso dessas formas. O interesse decorre da redução no sistema ternário dos demonstrativos, observável em ambas as línguas. No português, nota-se uma neutralização de *esse* e *este*, tornando-os formas variáveis que se opõem a *aquele* – referente ao que não está no domínio da 1ª e 2ª pessoas. No espanhol, por sua vez, observa-se a existência de duas normas: (i) *ese* encaixa-se no campo funcional de *aquel*, estabelecendo uma variável que se opõe a “*este*” – o que está no domínio da 1ª e 2ª pessoas; (ii) *ese* encaixa-se no campo funcional de *este*, estabelecendo uma variável que se opõe a *aquel* – o que não está no domínio da 1ª e 2ª pessoas, a exemplo do que ocorre em português. Diante dessas particularidades, espera-se, com este trabalho, entender (i) como as gramáticas de ambas as línguas descrevem o uso dos demonstrativos, (ii) identificar pontos de semelhança e diferença entre essas línguas, (iii) analisar como é contemplada a variação no uso dessas formas no registro gramatical. Para tais análises, serão consultadas, entre outras, as gramáticas de Pasquale e Infante (2010), Bagno (2012, 2013), Neves (2000, 2018), Cunha e Cintra (2016) e Bechara (1977). Em língua espanhola, as obras de Bello (2004), Di Tullio (2017), Hernández Alonso (1996), Torrego (2002), Bosque e Demonte (1999) e RAE (1982, 2010). Em conclusão, percebemos que mesmo apresentando no geral uma postura normativa, foi possível identificar uma atenção à variação no uso dos demonstrativos em algumas obras, tais como Bagno (2012, 2013), Bosque e Demonte (1999) e RAE (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Demonstrativos; Norma Linguística; Variação Linguística; Língua Portuguesa; Língua Espanhola.

ABSTRACT: *This paper aims to compare the uses of the demonstrative pronouns according to grammars of Portuguese (este, esse, aquele) and Spanish (este, ese, aquel) describe, in order to identify the variationist treatment in the use of these forms. The interest arises from the reduction in the ternary system of demonstratives in both languages. In Portuguese, there is a neutralization of este and esse, making them variable forms that are opposed to aquele - referring to what is not in the domain of the 1st and 2nd people. On the other hand, in Spanish there are two norms: (i) ese fits into the functional scope of aquel, establishing a variable that opposes aquel - which is in the domain of 1st and 2nd people; (ii) ese fits into the functional scope of este, establishing a variable that opposes aquel - which is not in the domain of the 1st and 2nd people - as in Portuguese. In front of these particularities, this work intends to understand (i) how the grammars of both languages describe the use of demonstratives, (ii) to identify points of similarity and difference between these languages, (iii) to analyze how the variation in the use of these forms is contemplated in the grammars. For such analyzes, we have analyzed the grammars of Pasquale and Infante (2010), Bagno (2012, 2013), Neves (2000, 2018), Cunha and Cintra (2016) and Bechara (1977). In Spanish, we have consulted the works*

¹ Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: araujoleandrosilveira@gmail.com. Orcid 0000-0001-8518-1266.

² Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: grazielaabassi@gmail.com. Orcid:0000-0001-8789-1368.

of Bello (2004), Di Tullio (2017), Hernández Alonso (1996), Torrego (2002), Bosque and Demonte (1999) and RAE (1982, 2010). In conclusion, we have realized that even presenting in general a normative perspective, it was possible to identify the treatment of variation in the use of demonstrative in some works, such as Bagno (2012, 2013), Bosque and Demonte (1999) and RAE (2010).

KEYWORDS: *Demonstrative; Linguistic Norm; Linguistic Variation; Portuguese; Spanish.*

1 Entendendo as normas³

O tema da norma linguística ainda traz conflitos entre os estudos que abordam a linguagem, uma vez que ainda há uma intensa e histórica criação de preceitos que atribuem a algumas normas um valor absoluto. Por conseguinte, vai-se formando (in) conscientemente o mito de valorização de certas normas em detrimento de outras – tidas como erradas, inferiores.

A despeito dos muitos posicionamentos linguísticos, ou não, sobre o que é norma linguística, o início dessa discussão parte de Eugenio Coseriu (1962), linguista romeno que reanalisou a famosa dicotomia saussuriana “língua” e “fala”, inserindo o conceito de “norma linguística”. Em continuidade ao trabalho de Saussure, Coseriu (1962) considerou a língua como um sistema abstrato, a fala como uma realização concreta desse sistema, e inseriu o conceito de “norma linguística” em uma posição intermediária. Assim, ao sistema corresponderia o conjunto de possibilidades de uma língua, e à norma, as orientações linguísticas coordenadas pela sociedade em que cada falante está inserido. Trata-se, portanto, de uma seleção pouco mais concreta de alguns elementos dispostos no sistema e mais próximo ao uso de dada comunidade de fala. De modo ilustrativo, o autor afirma:

[...] se dan en las lenguas realizaciones acústicas particulares de ciertos fonemas, que caracterizan el hablar de las varias generaciones, o de los dos sexos, de ciertas comunidades profesionales o culturales: evidentemente esas realizaciones distintas no implican distinciones en los respectivos ‘sistemas’ lingüísticos, sin embargo, no son individuales, no son momentáneos y ocasionales, sino normales y constantes en la expresión de grupos humanos más o menos amplios (COSERIU, 1962, p. 64).

Coseriu (1962) considera que as normas são respostas diretas ao meio social e cultural em que o falante está inserido. Além disso, observa que dentro de uma mesma comunidade linguística, de um mesmo sistema funcional, há várias normas normais, habituais e recorrentes. Nos termos de Coseriu (1962), portanto, a Norma Linguística será entendida como

Un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera)

³ Fomento: PET - SESu/MEC

(COSERIU, 1962, p. 98).

Faraco e Zilles (2017) acrescentam alguns conceitos associados à Norma, distinguindo, inicialmente, duas concepções: uma que corresponde ao “como se diz” e a outra, ao “como se deve dizer”. A primeira, tida como mais geral, equivale à toda e qualquer variedade linguística, igual, portanto, à norma linguística descrita por Coseriu (1962). Por sua vez, a segunda, mais específica, equivale a um conjunto de preceitos que definem o chamado “bom uso”, o uso socialmente prestigiado.

A revisão da literatura sobre norma linguística revela que o “como se deve dizer” também é designado como **norma normativa** e o “como se diz”, como **norma normal**. O “como se diz” retrata as interações verbais que de fato ocorrem no cotidiano das interações humanas, enquanto que o “como se deve dizer” corresponde a um ideal de língua, a uma tentativa de padronizar a comunicação e regulamentar expressões que seriam socioculturalmente aceitas. Desse modo, essa segunda concepção remete ao que é normativo, prescritivo, preceituado, “é a referência que se usa tradicionalmente para sustentar juízos sociais de correção ou incorreção linguística.” (FARACO; ZILLES, 2017, p.12).

É importante reconhecer a existência de não apenas uma norma normal, mas sim de várias. Partindo dessa premissa, o linguista canadense Stanley Aleóng (2011) defende que a norma linguística é variável e relativa, posto que se organiza na heterogeneidade da sociedade. Assim, a norma normal deve ser sempre analisada sob um contexto, uma situação:

Nesta concepção de sociedade [heterogênea], as normas sociais ou regras do comportamento são variadas e relativas. Variadas porque os agrupamentos constitutivos da sociedade também são variados, e relativas porque os juízos de valor só têm significação em relação ao grupo ou ao conjunto de referência no qual se situam os indivíduos (ALÉONG, 2011, p. 145).

Faraco e Zilles (2017) discutem a pesquisa de Razky e Sanches (2016), que estudaram o atlas linguístico do Brasil e constataam as diversas variedades lexicais relacionadas a um mesmo referente, pondo evidência a existência de mais de uma norma normal através da análise do campo léxico:

O item lexical de uso mais geral em 25 capitais brasileiras é *riacho* (36% dos dados), seguido por *córrego* (23%) e *igarapé* (14%). Entretanto, enquanto *riacho* aparece em todas as capitais, *córrego* não ocorre em Manaus e São Luís e tem índices mais elevados apenas no Centro-Oeste; *Igarapé*, por sua vez, é predominante na região Norte e não é mencionado na maioria quase absoluta das outras capitais (FARACO; ZILLES, 2017, p. 13).

Do mesmo modo, podemos observar especificidades fonético-fonológicas, morfossintáticas, semânticas e discursivas de cada grupo social e sua respectiva norma normal.

Além dos conceitos de norma normal e norma normativa, há ainda dois outros conceitos importantes que nos ajudarão a entender o comportamento das gramáticas analisadas neste trabalho. Trata-se da “norma culta” e da “norma padrão”, que muitas vezes são confundidas entre si ou até mesmo igualadas.

Segundo Bagno (2019), a **norma culta** é um tipo de norma normal, que faz referência às variedades linguísticas empregadas por cidadãos de alta escolarização e vivência urbana, em contexto de monitoramento linguístico, como é a escrita, por exemplo. Essa norma recebe prestígio social e está interligada a uma construção histórico-social que determina quais grupos são ditos cultos na sociedade. Por sua vez, a **norma padrão** equivale à norma prescritiva, normativa, ao “conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19). Não é uma norma presente no cotidiano das pessoas, mas uma construção idealizadora da padronização da fala. Faraco e Zilles (2017) analisam como esse embate de normas repercute, por exemplo, na descrição do fenômeno linguístico que temos em pauta, isto é, os pronomes demonstrativos:

Os criadores da norma-padrão estipularam um sistema ternário para o português, fixando uma relação entre os demonstrativos e as pessoas gramaticais. Assim, *este* deveria designar algo próximo à primeira pessoa (a pessoa que fala); *esse*, algo próximo à segunda pessoa (a pessoa com quem se fala) e *aquele* algo próximo à terceira pessoa. No entanto, a pretensa distinção entre este e esse não é discernível na norma culta brasileira (FARACO; ZILLES, 2017, p.19).

Assim, a norma padrão equivale à norma normativa e, portanto, não é uma variedade espontânea, mas correspondente aos

Preceitos padronizados com os quais se busca homogeneizar o uso linguístico em determinados contextos num esforço sócio histórica e culturalmente motivado para impor um controle sobre a heterogeneidade e a mudança inerentes a qualquer língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 18).

Antunes (2017) afirma que não é adequado a valorização somente de uma das normas, pois cada uma tem seu contexto, sua função, sua realidade. Assim, a norma culta não deve ser super prestigiada, uma vez que a ciência linguística defende o bom uso da língua como aquele adequado às condições de uso. Não obstante, a autora reforça que a norma culta não deve também ser rechaçada, mas reconhecida como uma opção de fala possível para alguns contextos e disponível para quem

queira utilizar. Cada situação irá levar o falante a uma posição de norma que poderá ser mais adequada que outra.

Muitas vezes, o sistema educacional, os materiais didáticos e as gramáticas reforçam o mito da língua única pautada pela norma padrão, tida como absoluta dentre os modos de fala. Por conseguinte, pouco ou nenhum tipo de variação é abordado em suas páginas, pois parece se pressupor que ao se abordar a variação linguística não se está ensinando o “certo” para o aluno.

Mas o que é o certo? Apenas o que é abordado nas gramáticas normativas? Deve-se ignorar os diversos modos de falar? Os educadores devem sim continuar ensinando o que é abordado normativamente, mas também mostrar, fazer reconhecer os fatores reais do cotidiano e ensinar contextos de utilização deles. Desse modo, aproxima-se o estudo gramatical da experiência do aluno com a linguagem, ao invés de afastar o aprendiz por meio do ensino pautado exclusivamente por terminologias gramaticais, que muitas vezes não fazem sentido para o estudante.

De modo prático, a observação da descrição do uso dos demonstrativos ilustra como é possível aproximar-se ou distanciar-se da realidade linguística dos falantes. Isso porque, sob uma perspectiva normativa (norma padrão) esses pronomes são descritos de um modo clássico, isto é, compondo um sistema ternário. No entanto, se assumimos uma abordagem pautada pela “norma normal”, veremos a redução desse sistema para uma série bipartida, em que as formas *este* e *esse* já não apresentam diferença marcada no português brasileiro.

Nessa direção, Bagno (2013, p. 235) julga ser “perda de tempo tentar inculcar nos aprendizes uma diferença entre *esse* e *este*, que não existe na língua e que não é rigorosamente seguida nem sequer pelos que produzem gêneros escritos [+ monitorados]”.

Outros linguistas também abordam questões de variação em suas gramáticas, sem deixar de lado questões relacionadas à norma culta. Contudo, ainda é recorrente a “descrição” gramatical limitada à norma padrão. Essa tendência a se aproximar ora mais da norma culta, ora mais da norma padrão levou-nos a estudar os demonstrativos e como são tratados em gramáticas da língua portuguesa e da língua espanhola – posto que ambas as línguas apresentam, na norma culta, redução do sistema ternário clássico, em que *esse/ese*, *este* e *aquele/aquel* se opunham.

Desse modo, objetivamos, através da análise da concepção normativa que assumem as gramáticas das duas línguas, (i) conhecer o uso dos demonstrativos nas línguas portuguesa e espanhola segundo a norma gramatical, (ii) comparar o que há de comum e diferente no uso dos

demonstrativos nas duas línguas e (iii) observar como a variação no uso dos demonstrativos é abordada por esses manuais.

2 Os demonstrativos: hipóteses sobre normalidade e normatividade

Nossa hipótese é que o tratamento gramatical dos demonstrativos em ambas as línguas ainda é muito prescritivo, por desconsiderar os usos reais e suas variações. Por isso, visamos mostrar como as gramáticas tratam a variação no uso dos demonstrativos, tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Baseamos essa hipótese em estudos descritivos feitos sobre essas formas pronominais em ambas as línguas, constatando que o sistema ternário (*este/este, esse/ese, aquele/aquel*) é substituído por um sistema binário nas normas normais da língua. Em outros termos, parece que o tratamento descritivo dado pelas gramáticas aos demonstrativos assume uma postura pautada pela norma normativa, isto é, pela norma-padrão – insistindo na manutenção do sistema ternário.

Analisando a língua portuguesa, Mattoso Camara Jr (2007) no seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa*, aborda a questão sob um foco inicialmente normativo, explicando como os demonstrativos funcionam como deícticos e em uma divisão tricotômica: “A língua portuguesa apresenta um sistema mais elaborado, tricotômico, em que se leva em conta o ouvinte: 1) este (próximo do falante); 2) esse (próximo do ouvinte); 03) aquele (fora dos campos do falante e do ouvinte)” (CÂMARA, 2007, p. 122).

No entanto, o autor reconhece a variação no uso dessas formas e afirma que “a rigor, no emprego anafórico desaparece a oposição este: esse, ou antes, este não passa de uma forma mais enfática do que esse” (p.124). Assim, começa mostrando como as duas primeiras séries de demonstrativos passam a ser identificadas como somente uma:

A verdadeira oposição fica entre *este* (esse): aquele, assinalando o primeiro membro proximidade no contexto e o segundo uma referência à distância. Daí resulta um sistema dicotômico este (esse), próximo do falante, versus aquele, distante do falante, à maneira do sistema inglês *this: that* (CÂMARA, 2007, p. 124).

Moreira (2014), propondo-se a analisar o funcionamento dos demonstrativos nas duas línguas, explica que o demonstrativo *isso* faz referência ao que fora dito anteriormente, algo que foi construído no processo enunciativo. Assim, introduz a primeira função desses pronomes: referenciadores. Os demonstrativos podem ter ainda duas especificidades dentro dessa mesma função: (i) referenciadores de algo que está presente no texto (uso endofórico) ou (ii) referenciadores de algo fora do texto (uso exofórico). Recuperando a origem latina dos pronomes demonstrativos, a autora também aborda a descrição clássico ternária que ocorre tanto no português brasileiro (PB) quanto no espanhol (E).

Assim, explica a referência de cada série com uma pessoa do discurso e apresenta as três séries em cada uma das línguas (quadro 1).

Quadro 1: Classes dos demonstrativos em Português e Espanhol

	PORTUGUÊS				
	Singular		Plural		Neutro
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
1ª série	este	esta	estes	estas	isto
2ª série	esse	essa	esses	essas	isso
3ª série	aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo
	ESPAÑHOL				
1ª série	este	esta	estos	estas	esto
2ª série	ese	esa	esos	esas	eso
3ª série	aquel	aquella	aquellos	aquellas	aquello

Fonte: Moreira (2014, p. 99 – com adaptação dos autores).

Na sequência, Moreira (2014) começa a discutir aspectos da variação no uso dos demonstrativos no português (PB) e no espanhol (E) a partir do princípio das “assimetrias inversas” (GONZÁLEZ, 1994), que identifica, na aparente proximidade entre os sistemas das duas línguas, uma aproximação invertida, revelada quando submetida a uma análise profunda dos elementos aparentemente similares. Quando aplicado ao caso dos demonstrativos, Moreira (2014) identifica que:

No PB, há uma tendência ao retrocesso da primeira série e crescimento da segunda, ou seja, há uso da forma *esse* em lugares nos quais diferentes normativas esperariam *este*. Já em E, se dá uma outra assimetria: a extensão da segunda série (*ese*) para valores normativamente atribuídos à terceira (*aquel*) (MOREIRA, 2014, p. 97).

Moreira (2014), assim como Mattoso Camara Jr (2007), identifica o crescimento da segunda série (*esse*) no PB e acrescenta o avanço dessa mesma série também no E, porém sobre um âmbito diferente: a terceira (*aquel*). Tanto é assim que ao rever dados do *Projeto de Gramática do Português Falado* (CASTILHO, 1993), encontra-se uma maior frequência de uso do *esse* (59%) em relação a *este* (13%) e, a partir dos trabalhos de Neves (2000) e Ilari e Basso (2006), reafirma-se a “neutralização” entre *este* e *esse* no português do Brasil, podendo ambas as formas alternar-se para se referir ao aqui/próximo aos agentes do discurso.

Ao voltar-se ao espanhol, Moreira (2014) destaca a existência de um sistema binário para os demonstrativos. Contudo, diferentemente do PB, a autora mostra uma desaparecimento ou

enfraquecimento da 3º série, gerando uma oposição entre *este* e *ese/aquel*. Se, por um lado, alguns estudos asseguram que essa variação estaria limitada ao espanhol da América (RAE, 2010), Moreira (2014, p.101) afirma, por outro lado, que há estudos quantitativos que mostram o avanço de *ese* sobre *aquel* tanto na América, como na Espanha. Esse é o posicionamento defendido por Kany (1969):

En el español de América existe una tendencia a hacer caso omiso de aquel y sustituirlo por ese en la mayoría de las circunstancias. De esta manera, ese soporta una doble carga, perdiendo su expresividad. En realidad, semejante uso se puede hallar en el español peninsular y se remota al lenguaje antiguo, en el cual se empleaba ese con frecuencia allí donde la lengua consagrada actual exige aquél (KANY, 1969, p. 170).

Se recuperamos outros trabalhos que comparam a situação dos demonstrativos no português e no espanhol, encontraremos os estudos de Stradioto (2012), um experimento comparativo realizado com a variedade de Belo Horizonte (PBH) e da Cidade do México (ECM). Segundo a autora,

Está havendo uma reorganização no sistema de referência dêitica expresso pelos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México. Diferentemente da visão veiculada em estudos tradicionais, a relação entre demonstrativos e pessoas do discurso nessas variedades não se baseia na correspondência este=1º pessoa (falante), es(s)e=2º pessoa (ouvinte) e aquel(e) = 3º pessoa, mas sim esse= campo do falante e do ouvinte e aquele = fora do campo do falante e do ouvinte para o PBH e este=campo do falante e aquel= fora do campo do falante para o ECM (STRADIOTO, 2012, p. 42).

O estudo de Moreira (2013) que observou as ocorrências dos demonstrativos em falas de ouvintes em programas de rádio de Madri, Buenos Aires, São Paulo e Salvador, também evidenciou que a ocorrência da 2º série (*esse/ese*) é maior em ambas as línguas, no PB pela oposição *esse (este) x aquele* e, no espanhol, pela oposição *ese (aquel) x este*. Desse modo, pode-se afirmar que “em ambas as línguas, há um desequilíbrio que dá lugar a assimetrias diferentes, sendo a primeira série a que perde espaço no PB e a terceira série a que se reduz no E” (MOREIRA, 2014, p.105).

Diante dessas evidências é que nosso trabalho se propõe a analisar como as gramáticas vêm tratando o comportamento dos demonstrativos no português e no espanhol, buscando identificar aquelas mais atentas à variação no uso e aquelas mais presas à tradição normativa.

Para tanto, as gramáticas analisadas do português foram: A nova edição da “Gramática da Língua Portuguesa”, de Pasquale e Infante (2010); a “Gramática Pedagógica do Português brasileiro” e a “Gramática de Bolso do Português Brasileiro”, de Marcos Bagno (2012, 2013); a “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, de Cunha e Cintra (2016); a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara (1977); a “Gramática de Usos do Português” e a “Gramática do Português Revelada em Textos”, de Maria Helena de Moura Neves (2000, 2018).

Por sua vez, no espanhol, analisamos as seguintes gramáticas: “*Gramática de la Lengua Castellana*”, de Bello (2004); “*Manual de Gramática del Español*”, de Di Tullio (2017); “*Gramática Funcional del Español*”, de Hernández Alonso (1996); “*Gramática Descriptiva de la Lengua Española*”, de Bosque e Demonte (1999); “*Gramática Didáctica del Español*”, de Torrego (2002); “*Esbozo de nueva gramática de la lengua española*” e “*Manual de la nueva gramática de la lengua española*”, da RAE (1982, 2010).

3 A gramática em cheque: o caso do português

Analisamos aqui as descrições dos demonstrativos nas gramáticas citadas do português. Sintetizamos os dados encontrados no quadro 2, em que indicamos quais autores abordam as temáticas tratadas sobre os demonstrativos. A seguir, discutimos os dados.

Quadro 2: Dos dados das gramáticas de língua portuguesa

	BECHARA (1977 [1961])	CUNHA; CINTRA (2016 [1985])	PASQUALE; INFANTE (2010 [1998])	NEVES (2000)	BAGNO (2012)	BAGNO (2013)	NEVES (2018)
FUNÇÃO							
1. Sistema Ternário	OK	OK	OK	OK	OK		OK
2. Indicar e situar a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso e no tempo (dêitico)	OK	OK	OK	OK	OK	OK	OK
3. ESTE indica proximidade de quem fala ou quem escreve		OK	OK	OK			
4. ESSE indica proximidade a quem se fala ou escreve		OK	OK	OK			
5. AQUELE indica distanciamento de ambas pessoas do discurso		OK	OK	OK			
6. Uso Anafórico: ESSE		OK	OK*	OK			OK
7. Uso Catafórico: ESTE		OK	OK*	OK			OK
8. Pronome adjetivo/Adjunto adnominal		OK		OK			OK
9. Valores afetivos/irônicos		OK			OK		OK
FORMA & VARIAÇÃO							
1. Reconhecem variações no sistema ternário	OK	OK			OK	OK	OK

Fonte: elaborado pelos autores.

As cinco primeiras características listadas observam se a gramática considera os demonstrativos indicando posições dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, tempo ou no próprio discurso. Isto é, considera-se a função dêitica dos demonstrativos sob a ordem do sistema ternário. Entre todas as gramáticas que analisamos, somente a de Bagno (2013) não se atém sistematicamente a essa distribuição dos demonstrativos. Por sua vez, Pasquale e Infante (2010, p. 286) afirmam que: “os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres

designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis”.

Essa característica também diz respeito à função que cada uma das formas ocupa em um potencial sistema ternário. Assim, *este* indica proximidade e tempo presente para com quem enuncia. *Esse* indica proximidade do enunciatário e tempo não tão presente para ambas pessoas do discurso. Por fim, *aquela* indica distanciamento de ambas as pessoas do discurso e tempo também distante:

As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou quem escreve. Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve. As formas *esse*, *esses*, *essa*, *essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve. Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve. Os pronomes *aquela*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve. Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto (PASQUALE; INFANTE, 2010, p. 286).

Além de Pasquale e Infante (2010), as gramáticas de Cunha e Cintra (2016), Neves (2000 e 2018), Bechara (1977) e Bagno (2012) apresentam essa descrição clássica, porém é válido perceber que essas cinco últimas também abordaram de alguma maneira as questões variacionistas, incluindo uma possível divisão binária. A título de exemplo, encontramos em Cunha e Cintra (2016) a seguinte observação referente à redução do sistema ternário:

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática. Com frequência, na linguagem animada nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, essa aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*), onde seria de esperar *esse* *e* ou *aquela* (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 331).

É interessante que o tratamento dado por Cunha e Cintra (2016) à redução do sistema encontra respaldo em uma tentativa do locutor aproximar mentalmente de um fato mais distante através de um elemento linguístico que instaura uma suposta proximidade (*este*). Nesse caso, haveria uma espécie de acomodação do sistema para expressar um efeito de sentido específico. Desse modo, os autores distanciam-se da percepção de variação nos termos labovianos (LABOV, 2008), em que duas formas em variação apresentam o mesmo sentido.

Considerando os estudos descritivos levantados, julgamos que a redução do sistema ternário no PB não resulta de uma aproximação mental, mas sim de uma neutralização das diferenças

funcionais das duas formas dos demonstrativos (*este: esse*), isto é, elas deixam de se opor, entrando efetivamente em variação.

Quanto aos usos com valor anafórico – referência textual ao que foi dito ou é consabido – e catafórico – referência daquilo que será dito em seguida –, Neves (2018) explica que:

O Pronome (*esse, aquela, naquela*) remete a um elemento que já foi referido ou sugerido no texto (anáfora) [...]. Dentro desse mesmo processo (anafórico), o referente pode não ter ainda entrado concretamente no texto, pode ter sido sugerido por alguma predicação anterior ou por alguma configuração estereotípica (anáfora associativa) [...];
O pronome (*este*) remete a um referente que vai ser referido ou sugerido no texto (catáfora) [...] (NEVES, 2018, p. 537).

Essa diferenciação também é contemplada por Neves (2000), Pasquale e Infante (2010), Cunha e Cintra (2016). Porém, há divergências entre os autores. Para Pasquale e Infante (2010), esses fenômenos ocorrem somente na escrita e pontuam que a segunda série (*esse*) é que realiza a função anafórica, enquanto que a primeira série (*este*) ocupa-se da função catafórica. Por isso são destacados na tabela com um asterisco (*):

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda vai se dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem estar social, essa é a minha tese.
Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto (PASQUALE; INFANTE, 2010, p. 287).

Por sua vez Cunha e Cintra (2016, p.328) observam que o uso dos demonstrativos com função anafórica ou catafórica pode ocorrer tanto na fala como na escrita, especialmente associado à forma *este*:

Mas os demonstrativos empregam-se também para lembrar o ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou que se vai mencionar: É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória.): ‘A ternura não embarga a discrição nem esta diminui aquela’ (Machado de Assis, OC, I, 1124). ‘O mal foi este: criar os filhos como dois príncipes’ (M. Torga, V, 309) (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 328).

Também Neves (2000, 2018) observa tanto a primeira como a segunda série expressando anáfora e catáfora, e conclui:

O demonstrativo pode ser empregado como **referenciador textual** (uso endofórico). Nesse caso, ele se refere: A uma pessoa ou coisa que já foi referida ou sugerida em

qualquer porção precedente do texto (anáfora). [...] Há várias expressões com os demonstrativos ISTO e ISSO usadas muito comumente em referência anafórica (NEVES, 2000, p. 495-496).

Outra função decorrente da anáfora e da catáfora diz respeito aos usos apositivos e a alusão a termos precedentes com o intuito de sanar a ambiguidade. Cunha e Cintra (2016) e Neves (2000, 2018) tratam da alusão a termos precedentes na relação *este* opondo-se a *aquela*, um para referir-se ao mais próximo e o outro, ao mais distante, respectivamente. Essa função é especialmente importante no texto escrito por evitarem possíveis ambiguidades. Nas palavras de Cunha e Cintra (2016, p. 334), “Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos dos DEMONSTRATIVOS aquele para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO este para o que foi nomeado por último”.

Neves (2000 e 2018) também aborda o uso dos demonstrativos atuando como adjunto adnominal ou pronome adjetivo. Segundo a autora, nesse papel, os demonstrativos são, geralmente, antepostos aos substantivos. Cunha e Cintra (2016) também descreve essa característica e destaca que quando utilizado posposto, o demonstrativo serve para reforçar e melhor especificar o que foi dito anteriormente:

O demonstrativo, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente: ‘Por outro lado, Sai Biná era comadre de Nho Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, filho esse do segundo casamento’ (Ribeiro Couto, C, 145) (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 333).

Os demonstrativos podem também ser utilizados com valores afetivos ou irônicos. Segundo Cunha e Cintra (2016), Neves (2018) e Bagno (2012), esses valores alteram a descrição clássica ternária, uma vez que as séries são utilizadas de formas invertidas para indicar proximidade com alguma pessoa ou afastamento dela, para indicar afeto ou repúdio, ou em tom de zombaria, generalização e até mesmo em tom ofensivo.

Por fim, atentando-nos a como os manuais consultados abordam a questão da variação no sistema dos demonstrativos no português, identificamos algum tratamento dessa temática em Bagno (2012, 2013), Cunha e Cintra (2016), Bechara (1977) e Neves (2018). Apenas Pasquale e Infante (2010) furtam-se dessa discussão. Assim, Bechara (1977) e Neves (2018) apenas citam divergências do sistema ternário na prática, sem explicitar como essa variação se organiza na língua. Enquanto Bechara (1997, p.97) apenas afirma que “nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos”. Neves (2018) explica que

[...] essa relação (que incorpora aquela relação tríplice já estudada no capítulo sobre Pronomes Pessoais) não é direta, absoluta, e por vezes fica bastante enfraquecida, mas, no geral dos usos, ela é bem evidente [...] se reforçam com os três advérbios de lugar que em português recortam a distância espacial: aqui, lá e aí (NEVES, 2018, p. 539).

Ou seja, há nesses dois manuais o reconhecimento de uma variação nas classes dos demonstrativos, porém não é explicada como ocorre, se há um maior uso de uma das classes ou uma possível neutralização.

Por sua vez, o trabalho de Cunha e Cintra (2016) parece mais atento à redução do sistema ternário, mas considera que esse comportamento resulta de efeitos de sentido, e não de um fenômeno de neutralização da 1^a e 2^a séries:

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática. Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* no lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro: O guarda-livros num repelão, ordenou: ‘- Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele! (OC, I, 300)’ (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 331-332).

As gramáticas de Bagno (2012 e 2013) tratam com maior profundidade a temática da variação nos demonstrativos. O autor defende que os professores devem continuar ensinando e mostrando a existência de um sistema clássico ternário, porém que já se modernizou, assim como em outras línguas, para um sistema binário em que *este* ou *esse* se apõe a *aquela*. Os manuais do autor destacam também que a segunda série (*esse*) aumentou no uso e, para diferenciar quanto à distância de tempo, espaço e pessoa do discurso, conta-se com a ajuda de adjuntos adverbiais. Em seus termos: “para realçar o que está mais próximo da 1^o pessoa e mais próximo da 2^o, usamos os advérbios de lugar aqui e aí” (BAGNO, 2013, p.235).

Bagno (2013) insiste que não é eficiente que um educador se dedique ao ensino de algo que não faz parte da realidade do aluno e de grande parte da população, o ensino deve ser aproximado e instigado para que desperte no estudante uma curiosidade e interesse em entender, aprender e observar os usos variáveis. Essa é também uma das nossas justificativas para esta pesquisa, fomentar as discussões sobre a descrição e ensino de português e espanhol como línguas materna e estrangeira.

Entendemos que o sistema clássico ternário é limitado à norma prescritiva no PB. A norma normal já não o utiliza com tanta rigidez, as duas primeiras séries já não possuem tanta diferença na prática, normalmente o contexto ou um adjunto adverbial irá marcar o valor referencial de distanciamento que parece deixar de marcar.

4 A gramática em cheque: o caso do espanhol

Analizamos aqui as descrições dos demonstrativos nas gramáticas do espanhol já citadas. Sintetizamos os dados encontrados nessas gramáticas no quadro 3. A seguir, discutimos os dados.

Quadro 3: Dos dados das gramáticas de língua espanhola

	RAE (1982)	BELLO (2004 [1984])	HERNÁNDEZ ALONSO (1996 [1984])	TORREGO (2002 [1997])	BOSQUE; DEMONTE (1999) ⁴	DI TULLIO (2017 [2005])	RAE (2010)
FUNÇÃO							
1. Sistema Ternário	OK	OK	OK	OK	OK	OK	OK
2. Indicar e situar a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso e no tempo (dêitico)	OK	OK	OK	OK	OK	OK	OK
3. ESTE indica proximidade de quem fala ou quem escreve	OK	OK	OK			OK	OK
4. ESE indica proximidade a quem se fala ou quem escreve	OK	OK	OK			OK	OK
5. AQUEL indica distanciamento de ambas pessoas do discurso	OK	OK	OK			OK	OK
6. Uso Anafórico	OK		OK		OK	OK	OK
7. Uso Catafórico			OK		OK	OK	OK
8. Pronome adjetivo	OK	OK			OK	OK*	OK
9. Valores afetivos / irônicos					OK		OK
10. Pronome substantivo neutro*		OK	OK	OK	OK	OK	OK
11. Modificadores*					OK	OK	OK
FORMA & VARIAÇÃO							
1. Variações no sistema ternário		OK			OK		OK

Fonte: elaborado pelos autores.

As cinco primeiras acepções seguem a linha do português e identificam o sistema ternário clássico, isto é, cada uma das séries dos demonstrativos refere-se a uma pessoa do discurso, a um

⁴ A organização da **Gramática descriptiva de la lengua española** é de Bosque e Demonte (1999), contudo o capítulo que discute os “Pronombres y adverbios demostrativos” é de autoria de Luis J Eguren (1999).

tempo ou um espaço. Marca-se, desse modo, o valor dêitico que cada uma das formas assume canonicamente. Os demonstrativos, por essa função de indicar algo ou alguém são nomeados de “señaladores” (indicadores). As gramáticas que seguem essa linha são a de Bello (2004), Di Tullio (2017), RAE (1982 e 2010) e Bosque e Demonte (1999). Vejamos, a título de exemplo, o que Bello (2004, p. 98) afirma: “*Este, esta, estos, estas, denota cercanía del objeto a la primera persona: eso, esa, esos, esas, cercanía del objeto a la segunda; aquel, aquella, aquellos, aquellas, distancia del objeto respecto de la primera y segunda persona*”.

Também, encontramos nas gramáticas do espanhol a identificação dos usos dos demonstrativos com valor anafórico e catafórico, conforme abordam Di Tullio (2017), RAE (1982 e 2010), Hernandez Alonso (1996) e Bosque e Demonte (1999). De modo mais sucinto e claro, a RAE (2010) explica que:

Este tipo de mención se suele llamar Referencia Fórica, y puede ser Anafórica o Catafórica. En el primer caso, el demostrativo apunta a elemento situado antes en el discurso, al que se denomina antecedente: No explicó nada a su compañero. Este, por su parte, tampoco le habló, ni trató de disuadirlo o detenerlo [...]; en el segundo, anticipa un consecutivo a tras él: No hablaron un largo rato y luego el ministro dijo esto: No sé si me entienda usted, señor, y francamente ya no me importa [...] (RAE, 2010, p. 328).

Notamos que a RAE não faz separação entre *ese* e *este* para os usos anafóricos e catafóricos – como encontramos no português. Inclusive, resalta-se que no espanhol tanto a anáfora quanto a catáfora podem ser realizadas através da primeira série dos demonstrativos (*este*). No entanto, em certo momento a RAE (2010, p.332) se posiciona afirmando que *este* é mais comum nas relações catafóricas: “*El demostrativo más habitual en las relaciones catafóricas es este (y sus variaciones de género y número)*”.

Na mesma direção, também encontramos na *Gramática Descriptiva*, de Bosque e Demonte (1999) a indicação do *este* nas funções catafóricas e anafóricas. No entanto, destaca-se que na fala se nota a recorrência da série *ese* para referir-se ao dito pelo interlocutor: “*En concreto, existe un predominio del demostrativo este tanto en anáfora cuanto en catáfora, aunque, habitualmente, en el diálogo se utilice la serie del demostrativo ese para referirse a lo dicho por el interlocutor*” (EGUREN, 1999, p. 942).

A exemplo do verificado em gramáticas do português, encontramos a função anafórica relacionada à diminuição da ambiguidade textual, uma vez que os demonstrativos fazem uma alusão a termos precedentes. Nesse caso, opõem-se *este* e *aquel*: “*Aun cuando no se habla con persona*

alguna determinada, este, esto, reproducen lo que acaba de decirse: aquel, aquello, otra cosa comparativamente lejana” (BELLO, 2004, p.99).

As gramáticas de RAE (1982 e 2010), Bello (2004) e Di Tullio (2017) discutem ainda a função de adjunto adnominal ou pronome adjetivo – assim como citado no português. Em acréscimo, Di Tullio (2017) nomeia esse uso como especificador do núcleo sintagma nominal. A autora, no entanto, explica que caso apareça posposto ao núcleo do sintagma nominal, o demonstrativo assume propriedade de modificador.

*Los demostrativos son **determinativos**: como tales, ocupan la posición de especificador de un SN con o sin contenido léxico. Si se posponen al sustantivo (El libro ese), en cambio, son modificadores y requieren la presencia de un artículo definido (DI TULLIO, 2017, p.170).*

Logo, a posição dos demonstrativos determina seu papel no sintagma. Seja antes ou depois do nome modificado, os demonstrativos devem concordar em número e gênero com o nome que predica.

Discutindo o uso com valor afetivo ou irônico, a gramática da RAE (2010, p.333) explica que “*es ofensivo emplearlos para aludir a las personas*”. Conforme lemos na gramática organizada por Bosque e Demonte (1999), “*este*” é empregado em lugar das demais séries para expressar esse valor afetivo

Emplea, por ejemplo el demostrativo de cercanía este donde deberían usarse ese o aquel, bien con un valor afectivo, bien para acercar subjetivamente algo que está alejado en el tiempo o en el espacio, o quizás para expresar un mayor grado de implicación en la situación. O sustituye este por ese en señal de distanciamiento, dando lugar en ocasiones a lo que se ha llamado el ‘ese despectivo (EGUREN, 1999, p. 941).

Uma das descrições que foi citada em praticamente todas os manuais consultados foi a relacionada aos pronomes demonstrativos neutros, formas não variáveis também organizadas no sistema clássico ternário. Trata-se de um grupo que exerce apenas a função pronominal e não de modificador do nome: “*Los demostrativos neutros esto, eso y aquello se comportan como los demás demostrativos, pero presentan algunas características especiales. Así, carecen de variación numérica y son siempre pronominales*” (RAE, 2010, p. 333).

Por último, destacamos as gramáticas que se ativeram à variação no uso dos demonstrativos, que são: Bello (2004), RAE (2010) e Bosque; Demonte (1999). Bello (2004) segue uma descrição clássico ternária, porém comenta que muitas vezes não há diferença de aplicação entre a primeira e a segunda série: “*Alguna vez, sin embargo, se emplean con la misma diferencia de significado este,*

esto y ese, eso. Los poetas suelen también en esta doble reproducción de ideas de trocar los demostrativos” (BELLO, 2004, p. 100).

Ou seja, o autor prevê a permuta entre as formas da primeira e segunda série, sem acrescentar qualquer informação sobre o encaixamento sociodiscursivo dessa variação. Como já destacamos no início deste estudo, no espanhol, o mais comum é o sistema binário, em que *este* (“proximidade”) e *ese* (“distância”) se opõem, tendo uma diminuição nos usos da terceira série (*aquel*). No entanto, conforme identifica Bello (2004), nota-se, também, a ocorrência de uma variação semelhante à do português, em que as duas primeiras séries são utilizadas com o mesmo valor.

Eguren (1999), ao tratar a questão na gramática organizada por Bosque e Demonte (1999), identifica a existência de dois sistemas binários (*este x ese / este x aquel*) para além do sistema terciário. Contudo, o autor defende que o sistema binário acontece somente na América, permanecendo o terciário no espanhol standard na Espanha:

Debe tenerse en cuenta, además, que dicho sistema ternario, tal y como acaba de ser descrito, funciona sobre todo, en casos de deixis gestual y simbólica en el español estándar peninsular. En el Español de América se tiende a sustituir aquel por ese, resultando en un sistema binario. Por otro lado, tanto en la llamada “deixis am phantasma”, como en los usos temporales y anafóricos de los demostrativos, el sistema se simplifica: se utilizan este y aquel para expresar, respectivamente, lo cercano y lo lejano al hablante y el demostrativo ese o no se emplea o queda neutralizado (EGUREN, 1999, p. 940).

A discussão referente à variação geográfica parece controversa, pois, como vimos na pesquisa de Moreira (2013), tanto na Espanha quanto na América há ocorrências do mesmo sistema binário. Em complemento, a RAE (2010) também defende a existência de dois tipos de sistema binário, um que opõe *este e aquel* e outro que opõe *este e ese*. Para a *Real Academia Española* este último pertenceria à variedade americana. Por sua vez, *aquel* seria utilizado apenas em âmbitos literários:

En algunos países americanos se reducen las series ternarias a las binarias de otra manera: el demostrativo aquel queda reservado para los usos literarios o para la deixis evocadora [...], de forma que la deixis ostensiva se lleva a efecto con los demostrativos este y ese (y sus variantes morfológicos) (RAE, 2010, p. 330).

Desse modo, parece haver mais possibilidades de variação dos demonstrativos no espanhol do que no português. Em comum, contudo, nota-se o movimento à redução do sistema binário, com as especificidades regidas pela norma de cada idioma.

5 As línguas em contrastes: norma e uso

Após a coleta de todas as descrições dos demonstrativos nas gramáticas de ambas as línguas e conforme sintetiza o quadro 4, podemos notar que os valores se mantiveram praticamente os mesmos, nos dois idiomas. Nota-se, apenas, o acréscimo de uma ou outra terminologia específica segundo às tradições gramaticais de cada língua.

Quadro 4: cotejamento das tradições descritivas dos demonstrativos em ambas as línguas

Gramáticas do Português	Gramáticas do Espanhol
1. Sistema Ternário	1. Sistema Ternário
2. Indicar e situar a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso e no tempo (Dêitico)	2. Indicar e situar a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso e no tempo (Dêitico)
3. ESTE indica proximidade de quem fala ou quem escreve	3. ESTE indica proximidade de quem fala ou quem escreve
4. ESSE indica proximidade a quem se fala ou escreve	4. ESE indica proximidade a quem se fala ou quem escreve
5. AQUELE indica distanciamento de ambas pessoas do discurso	5. AQUEL indica distanciamento de ambas pessoas do discurso
6. Uso Anafórico: ESSE	6. Uso Anafórico
7. Uso Catafórico: ESTE	7. Uso Catafórico
8. Pronome adjetivo/Adjunto adnominal	8. Pronome adjetivo e/ou modificadores
9. Valores afetivos/irônicos	9. Valores afetivos / irônicos
10. Reconhecem variações no sistema ternário	10. Pronome substantivo neutro *

Fonte: elaborado pelos autores

O levantamento feito, também, permitiu-nos vislumbrar gramáticas que seguem uma abordagem menos ou mais atenta às questões de variação no uso dos demonstrativos nas duas línguas. Assim, verificamos, no Português, que as gramáticas de Bagno (2012 e 2013) apresentam um maior detalhamento da variação no uso dos demonstrativos e maior preocupação com o ensino dessa heterogeneidade. Desse modo, o autor não apenas descreve a variação nas modalidades oral e escrita, mas também avalia fatores extralinguísticos, como os relativos ao espaço e à sociedade.

A concepção da língua como algo pertencente ao meio social, reconhecendo-a não ser um sistema autônomo ou descontextualizado, é percebida não apenas nos trabalhos de Bagno (2012, 2013), mas também em Neves (2000, 2018) e Cunha e Cintra (2016). Em particular, Neves (2018), analisa os usos gramaticais em textos reais e de diferentes gêneros; Cunha e Cintra (2016) preocupam-se em descrever e comparar o sistema ternário clássico com o binário.

No espanhol, por sua vez, também, identificamos o tratamento das variações no uso dos demonstrativos, contudo de maneira mais concisa. Particularmente, a RAE (2010) mostra de modo mais sistemático como se dão essas variações na língua.

Uma diferença interessante a se considerar entre as línguas é o tratamento da expressão anafórica. No português, algumas gramáticas citam que a anáfora é utilizada mais comumente com a segunda série dos demonstrativos (*esse*), já no espanhol, esse uso recai preferencialmente para a primeira série (*este*). Há, contudo, em ambas as línguas, gramáticas que identificam o uso não limitado a essas definições, de modo que indicam a possibilidade de a anáfora e a catáfora serem expressas tanto pela primeira como pela segunda série, sendo diferenciadas contextualmente.

Quanto à redução do sistema ternário em um sistema binário, nas gramáticas do espanhol foram identificados os dois sistemas possíveis (*este x ese/aquel* e *este/ese x aquel*) – apesar de apenas três desses manuais se aterem à variação nos demonstrativos (BELLO, 2004; BOSQUE, DEMONTE, 1999; RAE, 2010). No português, por sua vez, o sistema binário único previsto na língua (*este/esse x aquele*) foi encontrado na maioria das gramáticas analisadas (com exceção de Pasquale e Infante (2010) e Neves (2000)).

Por fim, no que se relaciona ao tratamento normativo, observamos naquelas gramáticas que se ativeram à variação linguística no uso dos demonstrativos alguma atenção à norma culta, isto é, uma norma normal que apresenta um dinamismo no uso diferente daquele observado em um tratamento mais prescritivo. Assim, mesmo gramáticas que assumem uma abordagem mais normativa (como é o caso de Cunha e Cintra (2016) e a RAE (2010), em seus respectivos idiomas), encontramos o respeito à variedade culta das línguas.

Considerações Finais

Com a conclusão da análise, foi possível observar diferenças e semelhanças do tratamento gramatical dos demonstrativos em ambas as línguas. Se, de um lado, foram identificadas mais semelhanças que diferenças nas tradições descritivo-gramaticais de ambas as línguas, de outro, houve algumas especificidades que merecem atenção, especialmente quando se trata do ensino dessas línguas para estrangeiros.

Apesar do tratamento da variação no uso dos demonstrativos não ser uma questão recorrente de modo substancial na maioria dos manuais consultados, aqueles que se ativeram à questão, de alguma maneira, revelaram-nos que há, nas duas línguas, uma redução do sistema tripartido em um

sistema bipartido. Em particular, contudo, é o modo como essa redução ocorreu. Enquanto no português brasileiro, *esse* e *este* se neutralizam para opor-se a *aquela*; notou-se, no espanhol, uma redução mais complexa, em que ora *ese* aproxima-se de *este* para opor-se a *aquel*, ora *ese* aproxima-se de *aquel* para opor-se a *este*. Além disso, algumas gramáticas ainda indicam que essa variação está fortemente determinada por fatores sociais e espaciais, sem tratar de modo substancial o encaixamento dessas variantes e contrapondo-se, inclusive, a estudos sociolinguísticos contemporâneos.

Chama atenção, ainda, a pluralidade de funções dos demonstrativos em ambas as línguas. Assim, apesar de muitas vezes haver uma concentração nas funções dêíticas que eles podem assumir, deve-se destacar, também, que podem (i) funcionar como indicador de valores afetivos e/ou pejorativos; (ii) operar para evitar ambiguidade textual, (iii) fazer referências anafóricas a situações que não estão presentes no texto, mas sim no contexto daquela obra, entre outros usos. Desse modo, os demonstrativos se apresentam como um vasto campo de conhecimento a ser aprofundado e pesquisado.

Referências

- ALÉONG, S. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.). Norma linguística. São Paulo: Loyola, 2011.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, M. **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: EDAF, 2004.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1977.
- BOSQUE, I; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999.
- CASTILHO, A. T. **Os mostrativos no português falado**. In: CASTILHO, A. T. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. 1993, p. 119-138. Vol. III.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1962.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. São Paulo: Lexikon, 2016.
- DI TULLIO, Á. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires: Walhuter Editores, 2017.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- EGUREN, L. J. **Pronombres y adverbios demostrativos. Las relaciones deícticas**. En: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. p.929 – 972.
- HERNÁNDEZ ALONSO, C. **Gramática funcional del español**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1996.
- GONZÁLEZ, N. M. **Cadê o pronome? O gato comeu: os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KANY, C. **Sintaxis hispanoamericana**. Madri: Gredos, 1969.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOREIRA, G. S. **Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: discutindo a construção de referências nas duas línguas e os diferentes graus de (in)definição em algumas expressões com demonstrativos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MOREIRA, G. S. As séries de demonstrativos: mais assimetrias. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. **Espanhol e Português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p.95-111.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- PASQUALE, C. N.; INFANTE, U. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2010.
- TORREGO, L. G. **Gramática didáctica del español**. 8 ed. Madrid: SM, 2002.
- RAE. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1982.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 1 (2020)



RAE. **Manual de la nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.

RAZKY, A. SANCHEZ, R. D. Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras. **Gragoatá**, 40, 2016, p. 70-89.

STRADIOTO, S. A. **Deixis na Romania nova**: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no Espanhol do México. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.